

A experiência no ensino de Arte

Gabriela Clemente Oliveira
UFMG

Resumo: Este trabalho é um relato da minha experiência com Ensino de Arte para crianças do 7º ano do Ensino Fundamental II, no Colégio Educare- Rede Pitágoras na cidade de Betim Minas Gerais. Formada em História pela PUC Minas desde 2001, completo esse ano 15 anos de docência. Leciono Arte desde 2011 e faço o 5º período do curso de Artes Plásticas pela Escola Guignard, UEMG-MG. O ingresso no curso de Artes Plásticas ampliou e qualificou minha prática em sala de aula, esse ganho vem da formação que tenho recebido de meus professores e das suas experiências como Professores Artistas. Nesse trabalho apresento o salto que minha prática em sala de aula ganhou depois do meu ingresso na Escola Guignard, e de como minha consciência sobre Ensino de Arte ampliou após contato com a formação pela experiência do Professor Artista.

Palavras- Chave: Arte. Ensino. Professor Artista. Experiência.

Abstract: This work is an account of my experience with art education for children from 7 years of elementary school II in Educare- Pythagoras College Network in the city of Betim Minas Gerais. Graduated in History from PUC Minas since 2001, complete this year 15 years of teaching. I teach art since 2011 and do the 5 period course in Fine Arts from the School Guignard, UEMG-MG. Entering the course of Plastic Arts expanded and called my practice in the classroom, this gain comes from the training I have received from my teachers and their experiences as teachers Artists. In this work I present the leap that my practice in class won after I joined the School Guignard, and as my awareness of Art Education after extended contact with the formation by Professor Artist experience.

Keywords: Arts Education. Professor Artist. Experience.

Introdução

Sempre fui interessada em duas áreas do conhecimento, Arte e História e essa aproximação se deu em função da memória. Desde pequena tinha curiosidades em relação às memórias familiares, mexia em fotografias antigas, objetos pessoais, gostava de puxar assunto sobre determinada pessoa ou situação, tinha contato constante com objetos antigos e curiosos, e também com fazeres manuais feitos principalmente por mulheres da minha família. Com o passar dos anos acabei me decidindo pela História curso no qual me formei (licenciatura e bacharelado) em 2001 pela PUC-MG, mas permaneci ligada à Arte, na faculdade ingressei no grupo de estudo em História da Arte coordenado pela Professora Mônica Eustáquio; Fui estagiária em projeto de Preservação de Patrimônio Material e meu trabalho de conclusão de curso abordou o Modernismo. Anos depois iniciei uma pós-graduação em História da Arte pelo IEC-PUC/MG, mas acabei não concluindo¹. Gosto de pensar: Se tivesse tido Arte na escola, será que teria feito faculdade de História?

Apesar do bacharelado a licenciatura falou mais alto e me conduziu à educação, grande parte da minha experiência profissional vem do trabalho com ensino aprendizagem em História em escolas públicas e particulares. Nesses anos, porém, nunca me afastei da Arte: frequentei cursos livres de desenho; Ministrei cursos

¹ Iniciei a Pós Graduação em Histórias das Artes no IEC no ano de 2007. A proposta do curso era abordar o processo histórico de expressões como Teatro, Cinema, Artes Visuais, Fotografia e outras. A proposta do curso era interessante, porém muito teórico, excetuando a aula de fotografia não tivemos experiência prática. Essa característica me incomodou e acabei desistindo.

em Festivais de Inverno; Montei um ateliê o Gangaria; Coordenei um programa de Educação em uma ONG; Trabalhei com elaboração de projetos culturais e educativos para ONG's e outras. No segundo semestre de 2010 fiz uma disciplina isolada na EBA-UFMG: Fundamentos do Ensino da Arte I, já há algum tempo queria retomar minha ligação com a arte e comecei a pensar em voltar a estudar.

No final de 2010 fui contratada para dar aulas de História e Arte no Colégio Educare Rede Pitágoras, em Betim, cidade onde moro. Sou ex-aluna do Colégio, cursei o Ensino Médio, e depois de quase dez anos retornei à escola como professora. Essa foi minha primeira experiência como professora de Arte no ensino regular. Tenho muito a agradecer a Diretora professora Andréa Brasil, ela foi minha professora de História no Colégio Educare e sem dúvidas exerceu muita influência na minha escolha profissional. Andréa fez minha contratação baseada na experiência que tinha até então e me incentivou a construir uma proposta de trabalho com total liberdade² para ser trabalhada com @s alun@s.

Meu desafio estava colocado: lecionar Arte na escola! Sem abandonar minhas aulas de História, tenho me dedicado desde 2011 a capacitações e formações buscando qualificar minha atuação dentro do ensino de Arte na escola.

Desenvolvimento

Fui contratada e assumi as aulas de Artes, no ano de 2011, para três turmas do Sétimo ano do Ensino Fundamental II, no período da manhã e faixa etária de onze a treze anos, uma aula por semana com duração de cinquenta minutos, turmas média de trinta e três alun@s por sala. O ano letivo era cumprido em quatro etapas cada uma com o valor de 25,0 pontos distribuídos em provas, exercícios e deveres de casa. Apesar do nome da disciplina: Artes, na ocasião da minha contratação coloquei minha experiência ligada às Artes Visuais e a falta de conhecimento para lecionar as outras expressões, música, dança e teatro, com esse recorte encaminhei a disciplina ensino de Artes³ pelo viés das Artes Visuais.

Comecei a construir a proposta pedagógica para as turmas do Sétimo ano. Recorri ao Parâmetro Curricular de Arte/MEC buscando afinar as aulas, às orientações Nacionais sobre o ensino de Arte. Propus estudar as competências e habilidades desejáveis ao trabalho, a visão multidisciplinar da arte e suas inúmeras possibilidades de diálogo.

A educação em Artes Visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionadas aos materiais, às técnicas e as formas visuais de diversos momentos da História, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiência de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal. (PCN-ARTE, 1997).

² A Rede Pitágoras tem em seu material didático livro de Artes, porém com uma abordagem polivalente, o Colégio sempre deu autonomia às professoras de Arte para adoção ou não do livro. Anteriormente ele foi adotado pelo Colégio, mas não agradou. Há anos a disciplina tem seu conteúdo programado pelas próprias professoras.

³ O Colégio Educare oferece Ensino de Artes desde o ano XXX em adequação às orientações da LDB. @s alun@s do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I tem ensino de Música. No Ensino Fundamental II as turmas de 7º anos tem a disciplina Arte. No 3º ano do Ensino Médio Arte é trabalhada pela professora de Literatura, na ocasião de preparar @s alun@s para prova da Área de Linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM.



Nesse estudo para propor a ação prática compreendi melhor a visão de Ana Mae Barbosa e sua proposta triangular para o ensino de Arte. O princípio: CONTEXTUALIZAR-APRECIAR-FAZER foi a base teórica que utilizei para construção da proposta. No FAZER decidi priorizar o Desenho; No CONTEXTUALIZAR optei por abordar o contexto histórico; No APRECIAR a proposta de colocar @ alun@ em contato com livros de Arte, imagens de Arte e criar oportunidades de visitas em galerias, museus, centros culturais.

A proposta elaborada nascia a partir das minhas experiências que, até aquele momento, vinham do contato com cursos livres de desenho de observação e em bases teóricas da História da Arte que havia adquirido em minha trajetória acadêmica. Confesso que me baseei numa estrutura segura para mim e que demonstrasse ao mesmo tempo meu respeito com o Ensino da Arte. Essa escolha, vendo hoje, tinha problemas graves de rigidez e limitações, mas ajudou a consolidar meu trabalho nessa instituição.

O diferencial que queria levar para a escola era a experiência do FAZER. A disciplina de Arte tinha um caráter teórico, as professoras anteriores focavam no ensino de História da Arte⁴. Não havia experiência prática e minha intenção era dinamizar esse pequeno espaço de 50 minutos e fazer dele uma experiência diferente na escola.

Apesar de toda leitura em relação ao ensino da Arte como ensino do Desenho, decidi priorizar o Desenho nas aulas práticas em função do tipo de experiência que valorizei na construção dessa proposta e também pelo fato de que apenas no Sétimo ano @s alun@s teriam contato com Arte, pensava: quem sabe alguém aqui irá se interessar pela faculdade de Artes? De alguma forma el@ terá que passar pelo desenho.

A escolha do Desenho proporcionou a inclusão do Papel Canson na lista de materiais escolares. O bloco do papel Canson, tamanho A4, gramatura 140 foi proposto para que @s alun@s tivessem contato com um papel comum no trabalho artístico, mais encorpado e com possibilidades maiores de explorar texturas.

Em relação ao CONTEXTO a intenção era a História da Arte para que pudessem ter uma visão do contexto na produção artística e promover análises das obras produzidas ao longo do Tempo. Nesse quesito sentia confiante, já vinha de uma trajetória de formação e experiência com História da Arte e com uma base teórica referencial em Gombrich. Admiro a forma como Gombrich trata a História da Arte, sinto na sua abordagem uma visão livre, ele levanta a criação em Arte como uma relação mágica do homem e o mundo, uma abordagem que pouco vemos nos estudos historiográficos sobre o assunto. Considerei que me basear nessa fonte referencial iria me possibilitar apresentar uma visão mais atual e desafiadora da História da Arte.

Na realidade, não penso que existam quaisquer razões erradas para se gostar de uma estátua ou de uma tela. Alguém pode gostar de certa paisagem por que está lhe recordando a terra natal ou de um retrato por que lhe lembra um amigo. Nada há de errado nisso. Todos nós, quando vemos um quadro, somos fatalmente levados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado. Na medida em que essas lembranças nos ajuda a fluir no que vemos, não temos por que nos preocupar. Só quando alguma recordação irrelevante nos torna preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma

⁴ O Colégio teve duas professoras de Arte antes da minha contratação, a primeira era professora de Português, a segunda professora de Filosofia. As duas primeiras professoras não tinham experiência prática em Arte, por isso priorizavam as aulas de História da Arte.



cena alpina por que não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos sondar o nosso íntimo para desvendar as razões para a aversão que estraga um prazer que, de outro modo, poderíamos ter tido. Existem razões erradas para não se gostar de uma obra de arte. (GOMBRICH, 2001).

No APRECIAR pensei em visitas a centros culturais e museus, pensei em levar @s alun@s para fora da escola, ação sempre recomendada pel@s arte-educadores, essa possibilidade de unir a escola ao museu, a oportunidade de estar próximo ao trabalho do Artista, à Obra de Arte. Ainda nessa atividade propus a apreciação de reproduções através de livros de Arte.

Outra proposta inicial que considero importante colocar foi a elaboração do Roteiro Investigativo, na linha da proposta Triangular, com o objetivo de fazer um levantamento do contato que as crianças tinham com a Arte, até o Sétimo ano. Esse documento continha perguntas como: “Você tem hábito de visitar museus, exposições de arte ou artesanato? Se sim, onde costuma ir?”; “Você gostaria de pintar, desenhar, esculpir, fazer trabalhos manuais? Se sim, o que gostaria de fazer?”; Esse roteiro seria aplicado nas primeiras aulas para fazer um “mapeamento de referências artísticas” d@s alun@s.

As Aulas de Arte

Com o início do ano letivo coloquei em prática meu planejamento. Nas primeiras aulas apliquei o Roteiro Investigativo e para minha sorte a grande maioria d@s alun@s demonstraram desejo em Desenhar, mostrou também que muit@s alun@s possuíam contatos com Arte fosse através de referências de membros da família, fosse por hábitos de realizar visitas em museus.

Comecei a alternar aulas Práticas com História da Arte e Apreciação, claro isso não acontecia num regime fechado com números de aulas determinadas para cada habilidade, na realidade o número de aulas práticas sempre foi superior às outras duas.

Para introduzir o desenho trabalhei com textos e mostrei trabalhos de artistas que desenhavam com materiais variados. No momento da prática passava orientações em relação ao cuidado com o bloco de papel Canson, o modo de uso destacando a folha, a escolha da posição vertical ou horizontal, a centralização do desenho em relação ao espaço a ser trabalhado.



Ilustração 1

Exemplo de imagem trabalhada em sala.
Fonte: Portfólio pessoal.

O desenho inicial acontecia com o recurso do xérox, selecionei imagens de objetos variados e reproduzi cópias em tamanhos de aproximadamente 5x3 cm. A proposta era trabalhar a observação pela imagem, a percepção do desenho do objeto, às tonalidades acentuadas pelo próprio xérox, a organização daquela imagem em relação ao espaço, a compreensão do Desenho como a forma que vemos o mundo. Entregue as cópias para cada um@, orientava a reproduzirem a imagem no papel Canson. Trabalhávamos sempre dentro de sala para que pudesse acompanhar o desenvolvimento d@ alun@ com o desenho. Dedicávamo-nos ao desenho do xérox do objeto até que todos tivessem saído da forma e encaminhado para a aplicação do volume, sombras e texturas. Vári@s alun@s demonstraram habilidades impressionante em relação ao Desenho.

Levava objetos para a sala de aula como garrafas, caixas e propunha a atividade de desenho de observação. Demonstrava o método do desenho com medidas, mas incentivava o desenho de observação livre, procurando compreender o objeto, sua forma, altura, largura, posição, mas evitando fazer dessa observação um pensamento puramente matemático. Às vezes pedia pra que levassem objetos de afetos ou de uso cotidiano para que pudessem ter a experiência de desenhar um objeto escolhido por el@s.

Outra atividade era o desenho de frutas, essa passou a ser muito interessante por que havia uma alegria entre @s alun@s, primeiro em função do “objeto” inusitado, segundo em função do uso de lápis de cor e ainda por que ao final tod@s comiam as frutas. Considero essa atividade muito rica em experiência.

Apesar de não ter sido meu objetivo principal, trabalhei também com releituras. As releituras tiveram um grande destaque nas escolas a partir da proposta triangular de Ana Mae, pois é o tipo de atividade que contém os três pilares em um só lugar, a Prática na medida em que se propõem a produção de um novo trabalho; A Contextualização uma vez que se faz necessário dizer quem é aquele artista, como foi sua vida, quando realizou essa obra; E a Apreciação ainda que através de reproduções, abria a possibilidade para análises e



percepções próprias das crianças. Confesso que mesmo reconhecendo ser uma atividade completa em relação à proposta triangular, o trabalho com releituras me causou conflito na medida em que as cópias predominavam em relação à “recriação”.

Em relação ao Contexto normalmente as aulas aconteciam na sala multimídia, montava projeções sobre períodos históricos como Arte Antiga, Medieval ou Contemporânea ou fazia um recorte na obra de um artista ou movimento artístico. Priorizava a análise com imagens, mas também usava textos em sala de aula. O contato com livros de Arte também se tornou um recurso interessante, a oportunidade de falar do artista vendo as imagens no livro. Levava livros que tinha em casa, colocava @s alun@s em grupo distribuía um livro para cada e deixava que a discussão acontecesse, depois compartilhávamos as reflexões.

Em relação à Apreciação desde o início concebi essa habilidade como algo a ser exercitado fora da escola. Organizei visitas a museus e centros culturais, com média de 90 alun@s por visita. Essa atividade me dava à oportunidade de apreciar a obra junto com el@s, a oportunidade de estar em aula fora do método formal, no entanto comecei a ficar incomodada, as crianças ficavam muito agitadas desinteressadas nas visitas, estava desgastante e ao longo do tempo, parei com as visitas.

O recurso do uso do livro em sala de aula também era um momento da apreciação, geralmente pedia ao grupo para que olhassem todo o livro, observando, discutindo, em seguida pedia para se dedicarem à apreciação e discussão em uma ou duas imagens, encerrada essa etapa, trocavam visões entre si. Adotei o livro “Brasil, Olhar de Artista” de Katia Canton na intenção de proporcionar para @s alun@s a aquisição de um livro com reproduções de artistas brasileiros e para dinamizar as aulas, unindo em torno dele a apreciação das reproduções, o contexto em que cada obra foi produzida e referências para releituras. A adoção do livro “Brasil, Olhar de Artista” proporcionou um trabalho interdisciplinar com a professora de Literatura.

Estava indo com cuidado construindo meu caminho no Ensino da Arte. É importante ponderar que no desenrolar das aulas passei por muitas dificuldades, considerava meu planejamento razoável, uma vez que não tinha a formação específica em Arte, mas ao mesmo tempo entendi que a maneira de ensinar e aprender Arte era muito diferente da maneira que estava acostumada em relação ao ensino e aprendizagem em História. São conhecimentos com afinidades, mas com muitas peculiaridades, nem sempre consegui alcançar @s alun@s com as atividades que propus, vivi situações tensas como as visitas às exposições. A necessidade de ter a formação em Arte ficou muito evidente.

Terminei bem o ano, tive um bom retorno da direção e d@s alun@s e continuei na escola, aumentei minha carga horária de História e segui com minhas três aulas de Arte. No final de 2012 me inscrevi para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio para Artes Visuais na EBA-UFMG, no qual fui aprovada para o primeiro semestre de 2013. Por ironia da vida recebi também naquele ano um convite para ocupar o cargo de Assessoria no Colégio em que trabalho. Naquele momento, a necessidade financeira e o fato do curso ser diurno me levaram a desistir do curso e assumir o cargo. Senti naquele momento um desânimo, medo de ter deixado a oportunidade passar, mas mantive firme meu objetivo e no final de 2013 prestei novamente vestibular e fui aprovada no curso Bacharelado em Artes Plásticas na Guignard-UEMG.

Uma nova etapa na minha vida se iniciava, depois de quase 13 anos de formada, morando em Betim e com uma filha, decidi voltar aos estudos fazendo essa nova graduação. Recebi de pessoas próximas, muitas palavras de incentivo e muitas de questionamentos: Pra que fazer outra graduação? Nossa você não vai aguentar,



Por que não vai para o Mestrado? Em fim, inúmeras dificuldades estavam colocadas e eu tinha a vontade de dar o meu melhor.

Escola Guignard

Optei pelo bacharelado em Artes Plásticas Guignard/UEMG pela oferta do curso no turno da tarde⁵, período do dia que compreendi ser o mais adequado para minha rotina diária, trabalhar de manhã em Betim, ir para Belo Horizonte à tarde, voltar para casa à noite e encontrar filha e companheiro. Eu passava do lugar de professora d@s alun@s do 7º ano para o lugar de aluna na Escola Guignard.

Em pouco tempo de curso estou vendo minha produção ganhar forma, percebo o meu processo criativo crescer, já tive um trabalho selecionado para a XV mostra interna dos alunos da UEMG e participei de uma exposição coletiva orientada pela professora Sônia Laboriau.

Minha formação na Guignard tem se dado com Professores Artistas, na História também tive aulas com Professores Historiadores, porém essa experiência na Arte é diferente sinto que a relação Alun@ e Professor@ é mais próxima e intensa, pois compartilhamos conceitos, ideias, projetos na esfera íntima da criação. Logo de início as aulas me trouxeram a consciência da importância d@ Professor@ Artista.

Minhas identificações já apareceram no primeiro período, cada vez percebo que meu desempenho se apresenta melhor quando @ Professor@ Artista proporciona um ambiente criativo, aberto para experimentações. Disciplinas como Processos Expressivos; Fotografia; Aquarela; Estudo da Forma; Modelagem; Estudo da Cor e outras me proporcionaram experiências de processos criativos muito ricos. Professor@s como Máira Cesarino, Cláudia Renault, Zé Paulo, Humberto Guimarães, Daniela Goulart, Abílio Abdo, Marcelino Peixoto, Marcos Venuto, Ronan Cardoso Couto, são exemplos de profissionais que aplicam em suas aulas o conceito d@ Professor@ Artista, cada um a sua maneira, mas todos com a característica de estimular a produção criativa n@ alun@, levantar reflexões sobre o que está sendo inventado.

Muitas vezes durante essas aulas me senti como os relatos da História da Arte, como uma aprendiz “trabalhando” com artistas em seus ateliês. “Considerando-se que a pesquisa em Arte é relativamente recente e que tende a buscar paradigmas em outras áreas do conhecimento além da Arte, identificar como a experiência contribui para os diversos campos de estudo pode ajudar a destrinchar como ela está ligada aos processos artísticos”. (PIMENTEL, 2015).

O contato com a faculdade de Arte me mostrou a importância d@ Professor@ Artista e me fez reformular meu plano de aula, buscando agora proporcionar experiências em Arte, espaços para viver a criação.

A Construção de uma Nova Proposta

Arte na escola é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. Proporciona meios de conhecer, apresentar, interpretar, simbolizar e

⁵ O curso de Licenciatura em Artes Plásticas acontece nos turnos manhã e noite e a Licenciatura em Artes Visuais no turno da noite.



metaforizar em um contexto de apreciação e valorização. Para que isso ocorra, é preciso que o ensino de arte possibilite a tod@s alun@s a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte. (PIMENTEL, 2006).

A construção da nova proposta para o ano letivo de 2016 se apresentou como um desafio não só pelo fato da reformulação em si, mas também pelo fato de que seria professora da minha filha, Ana estava indo para o sétimo ano e seria minha aluna de Arte, teria em casa um parâmetro para saber se minha nova proposta estaria despertando n@s alun@s os interesses e as compreensões desejadas.

A nova proposta tinha como objetivo proporcionar experiências em Arte durante o desenvolvimento do processo criativo, essa nova compreensão sobre as aulas de Arte me levou a reconhecer o processo criativo como uma proposta metodológica para a sala de aula, ou seja, construir aulas que despertassem, provocassem n@s alun@s o desafio da criação como meio de expressão artística. A partir desses estímulos e provocações a “resolução” do processo criativo resultaria em uma invenção (desenho, pintura, colagem, montagem...) e essa invenção seria apreciada e contextualizada por tod@s em sala de aula.

Mantive uma referencia à proposta triangular, porém compreendida de forma mais orgânica, natural ao processo do Ensino de Arte, percebi que por mais que a proposta inicial fosse razoável, ela ainda estava teórica, dura, com uma compreensão da relação Ensino/Aprendizagem esquemática, descolada do conhecimento da experiência em Arte, lidando apenas com o lado teórico. Tinha construído um pensamento engessado, essa atividade corresponde ao FAZER; Essa outra ao CONTEXTO; Essa aborda o APRECIAR. Sem me dar conta havia tido uma compreensão “partida”, fragmentada dessas habilidades, e na ocasião de reelaborar a proposta de aulas priorizei essa nova compreensão a partir da minha experiência como aluna do curso de Artes Plásticas. “Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”. (BONDÍA, 2002.)

As aulas da disciplina de Processos Expressivos⁶ foram fundamentais nessa nova construção, fiz um levantamento de diversas aulas que havia tido na Guignard ligadas ao desenvolvimento da criatividade e adaptei para as crianças. Em vários momentos das aulas de Processos Expressivos as professoras aplicavam as atividades ressaltando a riqueza de serem trabalhadas na escola, estimulada passei a criar aulas afinadas com essa provocação do sentido criativo.

A dinâmica agora era a seguinte: Propunha uma atividade à turma, explicava os objetivos, colocava o desafio e propunha a sua “resolução”. Dava espaço para que essa “resolução” acontecesse em sala de aula,

⁶ Ementa das disciplinas de Processos Expressivos escola Guignard-UEMG. **Processos Expressivos I:** Estudo de possibilidades plásticas, gráficas e pictóricas, em relação ao complexo corpo/mente e aos cinco sentidos. Desenvolvimento da sensibilidade, da consciência e do mecanismo de ação, proporcionando a descoberta de formas de expressão individualizadas ou coletivas, originais e críticas. **Processos Expressivos II:** Experimentação, compreensão e crítica com enfoque em aspectos expressivos da matéria, forma e conteúdo relacionados a questões do espaço, lugar e tempo em superfícies bidimensionais e espaços interiores. **Processos Expressivos A:** Desenvolvimento das possibilidades artísticas e criativas da expressão plástica através da sensibilização e do complexo corpo/mente, concentrando o indivíduo na criatividade através do vivido e da ampliação do imaginar. **Processos Expressivos B:** Experimentação, compreensão e crítica com enfoque em aspectos expressivos da matéria, forma e conteúdo relacionados a questões do espaço, lugar e tempo em superfícies bidimensionais e espaços exteriores: situações ambientais e urbanas.



dificilmente dava deveres de casa para serem trazidos prontos, eu queria ver o desenvolvimento dos alunos em sala. Solucionada a questão e realizada a invenção era o momento de mostra-la.

Esse momento de colocar em exposição os trabalhos foi um ganho muito importante para essa nova metodologia. Essa prática trouxe da Guignard, muit@s professor@s sempre começa a aula dando um retorno sobre a produção feita na aula anterior, @s alun@s percorriam pelos trabalhos trocando experiências. Nas minhas aulas adotei também essa metodologia @s alun@s passariam vendo o trabalho d@ outr@, fazendo esse duplo trabalho de expor e apreciar o trabalho do@ outr@.

É importante dizer que apesar do Desenho não ser mais a habilidade principal da nova proposta curricular, ele permaneceu presente, mas resignificado, dinamizado, presente de forma fluida nas várias propostas de “resolução” dos problemas que acompanham o processo criativo.

A nova proposta pedia um esforço maior de aproveitamento dos 50 minutos de aula. A disposição das carteiras agora acompanha o objetivo da atividade, @s alun@s tem a experiência das carteiras em círculos, realizam atividades em grupos ou duplas, e também temos aulas usando a formação tradicional de filas, normalmente em aulas de desenvolvimento individual. Essa nova proposta de ocupação das salas ajudou os alun@s a receberem com entusiasmo as novas propostas e causou uma disposição maior para se envolverem nas atividades.

Defini como plano de aula as seguintes atividades: Colagem, Exploração dos Sentidos, Desenho, Teoria da Cor, Análise Áudio Visual, Instalação e Fotografia. A grande maioria dessas atividades eu havia executado na Guignard o fato de ter tido a experiência com essas atividades potencializa a troca de soluções para os problemas criativos levantados. Irei apresentar algumas propostas.

Caminho Cego

Ilustração 2



Caminho Cego. Alunas 7º ano.
Fonte: Portfólio pessoal. Fotografia: Gabriela Clemente.

Essa foi uma atividade que realizei no primeiro período nas aulas de Processos Expressivos A com a professora Maíra Cesarino e consiste em ativar outros sentidos além da visão. Os alun@s são organizados em duplas e tem seus olhos vendados. Essa pessoa vendada será guiada pel@ parceir@ ao longo da escola,



proporcionando a el@, segurança e experiências diversas, priorizando os sentidos do tato e audição. Passado um período de tempo, anteriormente definido, trocam-se as posições, agora o parceiro vira a pessoa com a venda nos olhos e a pessoa anteriormente vendada assume o papel de parceiro, proporcionando a el@ os mesmos princípios, segurança e experiências diversas. Terminado o tempo definido para a atividade, tod@s alun@s voltam para a sala e registram em papel Canson um mapa mental sensorial vivido nesse trajeto feito às cegas, traçando linhas, escrevendo impressões sobre os sons que apareceram no caminho, texturas sentidas, temperaturas percebidas. Esse mapa sensorial é o objeto a ser resolvido pel@ alun@ em sala, utilizando técnicas e materiais que achar necessário para a resolução da problemática. Não há nenhum condicionamento em relação ao uso de determinada técnica ou conhecimento, somente a relação d@ alun@ com a problemática é que poderá definir o caminho a seguir.

Considereei essa atividade excelente para a faixa etária de 11 a 13 anos por oferecer às crianças a experiência de desacelerar e tentar perceber o nosso entorno por outros sentidos, muitas vezes banalizados por nós. Essa atividade proporciona também reflexões sobre o corpo, sobre as relações, ativação dos sentidos, o que implica ausência de um sentido, qual a sua relação com o espaço, como é ver pelos olhos do outro, compartilhar de um momento conectado ao outro pela confiança... muitos questionamentos pertinentes a faixa etária e ao desenvolvimento de várias reflexões em vários campos do conhecimento, Ciências, Matemática, Geografia, Educação Física, Sociologia...além claro, do fato de ser uma atividade muito divertida e diferente.

O resultado foi muito positivo senti muita interação dos alunos, demonstraram cuidados uns com os outros, e claro faziam algumas traquinagens ao longo do caminho. Foram muitos trabalhos interessantes desenvolvidos a partir da “resolução” do mapa sensorial, vários com texturas anexadas ao papel, imagens de passarinhos para remeter aos sons, colagens, pinturas, considereei muito rico o resultado final.

Figura 3.



Resolução Mapa Mental e Sensorial. Ana de Oliveira Lobato- aluna 7º ano.
Fonte: Portfólio pessoal. Fotografia: Gabriela Clemente.

Colagem



Em Processos Expressivos A, com a professora Claudia Renault, trabalhamos com colagem. A proposta era selecionar de revistas todas as imagens que nos chamasse atenção, a intenção era conseguir um número razoável de imagens escolhidas dessa maneira, despreziosa sem buscar conceituar muito a atividade, apenas folhear as revistas e destacar as imagens que despertasse interesse. Selecionadas dispúnhamos as imagens sobre a mesa e buscávamos fazer conexões para formar as colagens.

Essa atividade simples foi uma das minhas surpresas durante essa disciplina, me identifiquei com essa maneira despreziosa de pensar Arte, livre para propor uma relação entre as imagens selecionadas. Senti que a colagem me trouxe uma nova experiência de relação com a Arte, achei interessante pensar sobre as escolhas que fiz das imagens, por que elas me chamaram atenção, senti prazer em realizar essas invenções.

Considereei essa atividade ótima para a faixa etária do sétimo ano e resolvi aplica-la à el@s. O resultado foram trabalhos muito criativos, fiquei impressionada com a riqueza do material inventado pelas crianças, senti uma realização muito grande como professora. Apliquei a el@s da mesma forma como me foi proposto na Guignard. Desenvolvi essa atividade em quatro aulas, na primeira selecionamos as imagens e começamos a “visualizar” as possíveis colagens, na segunda e terceira aula realizamos as colagens, na quarta aula falamos sobre as invenções, expondo e apreciando as invenções d@s colegas.

Figura 4



Colagem. Aluna 7º ano.
Fonte: Portfólio Pessoal

Objeto de Afeto

Essa atividade foi uma construção minha e tem como objetivo trabalhar memória afetiva. Pedi como dever de casa que cada alun@ trouxesse na próxima aula um objeto de valor afetivo, qualquer objeto que el@ considerasse significativo fosse um objeto pessoal, íntimo ou uma recordação, qualquer objeto que significasse algo para @ alun@. No dia da aula pedi que colocassem apenas o objeto de afeto sobre a mesa e que



levantassem para vêr o que @s colegas haviam trazido. Depois de apreciado os objetos cada um voltava ao seu lugar para falar e ouvir sobre os objetos que haviam levado.

Essas aulas foram muito ricas, cada história contada a partir daquele objeto levado para a sala de aula revelava um pouco mais sobre aquel@ alun@ e sobre sua vida fora da escola. Muitos depoimentos causaram emoção por mexer com memórias dolorosas, como foi o caso da aluna que levou a boneca que havia ganhado do seu avô antes de falecer. Ficamos tod@s muito emocionad@s com a sua história.

Foi a primeira atividade que nasceu sob a influência da minha formação em História, trazer as memórias de cada alun@, um pedacinho da História de Vida de cada um@ representado pelo objeto de afeto, foi muito significativo pois trouxe referências culturais, sentimentos e memórias, temáticas importantes à Arte.

Desconstrução das Formas Geométricas

Essa atividade foi proposta pela professora Máira Cesarino na disciplina de Processos Expressivos I, ela solicitou que levássemos para a sala de aula um círculo, um quadrado e um triângulo feitos em papel colorido A3. A relação da Arte com as formas geométricas é antiga são muitas as referências de artistas que desenvolvem esse tema, em sala de aula Máira propôs a desconstrução dessas formas matemáticas para produção de uma nova forma ou até uma nova imagem. Havia uma regra nessa atividade: todos os pedaços feitos por nós com a forma geométrica deveriam estar presentes na nova composição.

Solicitei aos alunos que trouxessem um quadrado, um círculo e um triângulo em papel colorido tamanho A4 para sala de aula e propus a desconstrução das formas geométricas para construção de uma nova forma. Coloquei a mesma regrinha, teriam que usar todos os pedaços do papel que haviam cortado, mas claro, foi impossível eram tantos pedacinhos de papel no chão que alguns se perderam, mas no geral seguiram as orientações de forma bem tranquila. Dessa atividade surgiram trabalhos muito interessantes e ao final tod@s “visitaram” os trabalhos d@s colegas e se surpreenderam com os resultados. Coloquei essas novas formas em exposição no mural no Colégio e recebemos muitos retornos positivos.

Conclusão

Realizei com @s alun@s na primeira e segunda etapa de 2016 as seguintes atividades: Desenho de Objeto Desconhecido; Desconstrução das Formas Geométricas; Colagem; Caminho Cego; Objeto de Afeto e Produção a partir de materiais diversos. Todas essas atividades obedeceram à dinâmica de lançar o problema, pedir a resolução, desenvolver dentro de sala e expor e apreciar o trabalho d@ colega.

É importante dizer sobre o projeto final da etapa, atividade que substitui uma das duas avaliações da etapa. Na primeira etapa apliquei para @s alun@s a atividade que havia feito com a professora Cláudia Renault em processo expressivo A, lancei para eles o desafio de produzirem em grupo, um projeto artístico que traduzisse o que é Delicadeza. Dividi a turma em grupo e orientei sobre a execução do projeto. Todo o processo durou quatro aulas, na primeira definiram o que iriam produzir a partir da discussão o que é delicadeza para o grupo, na segunda e terceira aula produziram os projetos e na quarta fizeram a apresentação dos trabalhos. Esse



trabalho rendeu muitas produções interessantes, Pinturas, Desenhos, Esculturas, Dobraduras e até Instalações. Foi uma experiência muito interessante que cabe mostrar os resultados em outra situação.

O trabalho final da segunda etapa está sendo a produção de projetos, agora individuais, a partir da discussão feita a partir de dois curtas metragens. Essa proposta foi minha e tive o objetivo de trazer o *Áudio Visual* para as aulas, assistimos os curtas “A Dama e a Morte” de Javier Recio Gracia e “10 centavos” de Cesar Fernando de Oliveira, levantamos discussões sobre os curtas e solicitei invenções a partir das discussões. Até o momento surgiram trabalhos muito legais, Esculturas, Pinturas, Desenhos, vários fizeram objetos com materiais reciclados e uma aluna montou uma cena do curta com cenário e personagens. Estou muito satisfeita com os resultados que colhi até aqui.

A avaliação que faço até o momento é que minhas aulas com as turmas dos sétimos anos agora são aulas de Arte, sinto que hoje consigo trocar com @s alun@s a experiência que tenho na Guignard, consigo dividir com eles os desafios da criação ainda que na experiência escolar. Sinto mais segura e preparada para abordagem em Arte, vejo na prática a importância da experiência em Arte na construção do plano de aula, percebo a diferença da aplicação das propostas com a propriedade que tenho hoje em relação aos fundamentos das habilidades em Arte. Não sou mais aquela professora que buscava referências teóricas e aplicava-as seguindo modelos de forma rígida.

Nessa nova proposta a História da Arte tem aparecido no desenvolvimento da própria aula, na terceira e quarta etapa minha intenção é abordar mais sobre a produção de artistas para aumentar a referência em Arte. Na quarta etapa estou pensando em desenvolver, no projeto final, um material pedagógico a partir de obras de artistas brasileiros. Por enquanto continua suspensa a atividade de visitação a centros culturais e museus, preciso resignificar essa metodologia.

Não aplicava o Roteiro Investigativo para mapeamento de referências artísticas d@s alun@s, há uns dois anos. O resultado dele sempre foi muito interessante, mas acabei perdendo essa atividade com o passar do tempo, durante a elaboração desse relato pensei em reestruturá-lo e voltar a aplicá-lo.

Estou convencida, no momento, que minha reformulação está tomando uma direção positiva e harmonizada com os fundamentos do Ensino de Arte, minha intenção é continuar minha formação e qualificação, criar condições para que o meu fazer artístico seja o alimento para minhas aulas de Arte, continuar fortalecer essa visão que @ professor@ de Arte seja um inventor de Arte. O desejo de me dedicar a Arte tem ficado latente e estou criando condições para fazer essa passagem da História para a Arte, minha meta é que em breve possa estar totalmente dedicada à produção artística e ao Ensino de Arte.

Termo deixando uma fala da minha filha Ana sobre as aulas de Arte no Colégio Educare.

Eu gosto das aulas de Arte por que é uma aula diferente, enquanto você está sentado o dia todo em uma carteira fazendo exercícios, chega a aula de Arte que é uma coisa menos metódica, e dá uma aula mais original, não tem uma regra a ser seguida você só tem que soltar a imaginação (...) não é fácil produzir as coisas que você pede em sala, mas eu estou achando legal por que eu percebo um monte de coisas em mim quando estou produzindo, por exemplo eu fico muito nervosa, fico com medo de fazer alguma coisa que dá errado, então eu acho legal por que estimula a criatividade e estou gostando. O que mais gostei foi a máscara que fiz sobre o vídeo “A Dama e a Morte”. (LOBATO, 2016).

Referências



BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e Colagem. Influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 1982.

_____. **Arte- Educação no Brasil.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo.** Disponível em: <http://www.revista.art.br>. Acesso em: 16/11/2010.

_____. **Arte- Educação no Brasil, realidade hoje e expectativas futuras.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141989000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 12/10/2010.

_____. **Arte-Educação Contemporânea ou Culturalista.** In: Trajetória e política para o ensino das artes no Brasil. Anais do XV CONFAEB, 2006.

BONDIA, J. Larrosa. **Notas sobre Experiência e o saber da Experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002.

BONDIA, J. Larrosa. **O professor ensaísta.** Revista Educação, 2013. Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/textos/193/o-professor-ensaistaliteratura-cinema-e-filosofia-para-o-espanhol-jorge-288244-1.asp>

DEWEY, John. **Arte como Experiência.** Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

LOBATO, Ana de Oliveira. Depoimento Oral. Coletado em: 25 de Maio de 2016.

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais. Artes. 6º Vol. Brasília, 1997.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Fugindo da Escola do passado: a arte na vida.** Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734819862>. Revista Digital do LAV- Santa Maria- Vol.8, n.2, p.5-17.- Maio/Ago.2015.

_____. **Processos Artísticos como Metodologia de Pesquisa.** Ouvirouver. Uberlândia. V.11, n.1, p.88-98. Jan/Jun. 2015.

_____. **Formação de Professor@ de Arte: novos caminhos, muitas possibilidades, imensa responsabilidade.** In: Trajetória e política para o ensino das artes no Brasil. Anais do XV CONFAEB, 2006.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa e CORAGEM, Amarílis Coelho. **Ensino de arte na UFMG e a integração com a rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** Disponível em: <http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Educa79.pdf>. Acesso em: 12/10/2010.

PROJETO PEDAGÓGICO Bacharelado em Artes Plásticas. **Escola Guignard/ UEMG.** Disponível em: <http://intranet.uemg.br/comunicacao/arquivos/Arq20140423105648PP.pdf>. Acesso em 26 de Maio de 2016.

LOBATO, Ana de O. [15 de Junho, 2016]. Betim. Entrevista concedida a Gabriela Clemente de Oliveira.

